

CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

29 e 31 de Janeiro de 2025

REVISITAR OS GRANDES GÉNEROS: ERA UMA VEZ... O WESTERN (parte I)

GARDEN OF EVIL / 1954 O Jardim do Diabo

Um filme de Henry Hathaway

Argumento: Frank Fenton, baseado numa história de Fred Freiberger e William Tunberg / *Diretores de fotografia (35mm, Technicolor, Cinemascope):* Milton Krasner, Jorge Stahl, Jr. / *Cenários:* Lyle Wheeler, Edward Fitzgerald / *Música:* Bernard Herrmann; canções por Emílio D. Uranga, Ken Darby, Lionel Newman / *Montagem:* James B. Clark / *Interpretação:* Gary Cooper (*Hooker*), Susan Hayward (*Leah Fuller*), Richard Widmark (*Fiske*), Cameron Mitchell (*Luke Daly*), Victor Manuel Mendoza (*Vincente Madariaga*), Hugh Marlowe (*o marido de Leah*), Rita Moreno (*a cantora*).

Produção: 20th Century Fox / *Cópia:* digital (transcrito do original em 35 mm), cinemascope, versão original com legendas electrónicas em português / *Duração:* 100 minutos / *Estreia mundial:* Festival de Berlim, Julho de 1954 *Estreia em Portugal:* Lisboa (cinema Politeama), 1 de Setembro de 1955 / *Primeira apresentação na Cinemateca:* 22 de Abril de 2004, no âmbito do ciclo "A Fox e o Scope: Homenagem à Twentieth Century Fox".

O CinemaScope foi "inventado" por razões bem conhecidas: um novo formato, maior e mais espetacular, com a qual a televisão não poderia concorrer. Há inclusive uma sequência satírica a este respeito em **Will Success Spoil Rock Hunter?**, de Frank Tashlin, em que a vasta imagem em *scope* é reduzida às dimensões reais de uma tela de televisão e a cor em DeLuxe transforma-se num trémulo preto e branco. Quando o cinemascope surgiu, o *western*, género exclusivamente americano (o *western* europeu, posterior à morte do *western* clássico, sempre é paródico) estava na sua idade de ouro. Acumulavam-se as obras-primas, os filmes medianos e os filmes menores, enquanto os mitos do Oeste multiplicavam-se em bandas desenhadas e, em breve, em séries de televisão, como **Gunsmoke** e **Northwest Passage**, filmadas com uma gramática de cinema. Nada mais natural, por conseguinte, do que utilizar o formato panorâmico que é o *scope* para o género por excelência sobre os grandes espaços que é o *western*. Já em 1930, o *western* fora o género escolhido para duas célebres experiências de alargamento da tela: **Billy the Kid**, de King Vidor e **The Big Trail**, de Raoul Walsh. Depois do *peplum*, que inaugurou o CinemaScope, com a caução bíblica de **A Túnica** (pena que os autores do argumento não conhecessem *A Relíquia!*), era inevitável que o *western* fosse anexado pelo CinemaScope. Em 1954, menos de um ano depois do lançamento de **A Túnica**, foram lançados três *westerns* em *scope*: **Drum Beat**, de Delmer Daves (em Warnerscope), **Broken Lance**, de Edward Dmytryk e este **Garden of Evil**. Muitos outros seriam feitos. Hathaway, profissional competente e fiel colaborador de Darryl Zanuck, o todo-poderoso patrão da Fox, já fizera a sua primeira incursão no novo formato, com um belo filme de aventuras, destinado ao público mais jovem, **Prince Valiant** e por conseguinte já conhecia os percalços e as vantagens do formato.

É evidente que em 1954, qualquer filme em *scope* era um filme de prestígio, a tal ponto que a partir dos anos 60 a expressão *en scope en couleurs* adquiriu uma conotação irónica em França. Por isso, para **Garden of Evil** foi escolhido um género popular, além de apto aos "grandes espaços" tornados ainda mais vastos pelo *scope*, e atores de grande prestígio, como Gary Cooper e Richard Widmark, cujos personagens e cujos modos de representar são complementares. Ambos representam uma força contida, em oposição ao misto de violência e covardia do personagem de Cameron Mitchell e à força tosca do mexicano (Victor Manuel Mendoza, o capataz de

Susana, Demonio y Carne, de Buñuel!). Em **Garden of Evil** (um belo título, pois na mitologia cristã o paraíso tem a forma de um jardim e *evil* ecoa e contradiz *Eden*), estão reunidos um certo número de elementos constantes do *western*, tanto nas situações como nos personagens. Isto não passou despercebido à época, como podemos notar na nota sobre o filme publicada no *Monthly Film Bulletin*: “Talvez seja o próprio descaramento com que um *chavão* é amontoado por cima do outro que dá a **Garden of Evil** um encanto inesperado. Tudo, até a ordem em que são mortas as vítimas dos índios, é previsível desde o começo”. É claro que a ordem em que são mortas as vítimas dos índios não é previsível, embora não haja muitas dúvidas sobre quem vai escapar, quando a matança começa. Mas à exceção da chegada dos protagonistas por mar na sequência de abertura tudo o mais repete elementos costumeiros do género, a que já estavam mais do que acostumados os espectadores de 1954, como vemos pelo comentário acima citado. A situação de um pequeno grupo que atravessa um espaço hostil e perigoso, com um objetivo preciso, em que a nobreza de intenções se mistura ao interesse pecuniário, é uma situação vista em dezenas de *westerns*, bons e maus (no primeiro caso, **The Naked Spur**, no segundo, **Along the Great Divide**, entre tantos exemplos). O fracasso parcial da empreitada serve de conclusão a quase todos estes filmes. A presença de uma única mulher neste grupo, despertando o desejo de todos, os maus instintos de uns e a nobreza de carácter de outros, também é um elemento inevitável. Não menos inevitáveis são os índios (e qualquer apreciador de *westerns* sabe que nos bons *westerns* os índios são maus), de início invisíveis, quase um grupo de fantasmas que acompanha os viajantes, antes de darem sinais de vida, lançarem algumas escaramuças e passarem ao ataque decisivo, num clássico *crescendo* narrativo. A composição de um casal entre a mulher e o “bom da fita” também não costuma faltar no desenlace, se possível no crepúsculo, de que temos um exemplo *en scope et en couleurs* no plano final de **Garden of Evil**, ao som de Bernard Herrmann. Nada disso falta ao filme de Hathaway, mas evidentemente isto nada tem de um defeito ou uma fraqueza. O cinema hollywoodiano clássico é acima de tudo um cinema de géneros e todos os géneros têm as suas convenções narrativas e visuais, das quais os filmes são ilustrações e variações. Uma das variações que nos propõe **Garden of Evil** é o modo como morrem cada uma das cinco vítimas dos índios: com uma coragem suicida (o mexicano, na morte mais memorável de todas), em combate leal, a fugir, a proteger a fuga do novo casal. Uma destas mortes, a do “vilão”, tem lugar fora de campo e dá claros indícios de sadismo por parte dos índios. Outras destas variações é o facto dos personagens percorrerem em sentido oposto parte do caminho que tinham feito, tentarem voltar ao ponto de partida, atravessando pela segunda vez algumas paisagens.

Chegamos assim a outro elemento típico de todo o *western*, um elemento visual e não narrativo, que **Garden of Evil** ilustra e amplia. Trata-se, evidentemente, do uso da paisagem, dos cenários naturais, dos célebres “grandes espaços” que caracterizam o género. À medida que o filme progride e com ele a jornada dos seus personagens, passamos de paisagens pouco características do *western* (uma praia, uma paisagem tropical, um palmeiral) para paisagens arquetípicas, semi-desérticas e montanhosas. É curioso observar que algumas destas “paisagens” foram nitidamente feitas em estúdio, como as paisagens ao fundo da escarpa da montanha, que são obviamente pintadas. E estas paisagens, reais ou falsas, ainda são ampliadas, a tal ponto que à época um jornalista de *Variety* comentou que “as novas lentes anamórficas [ou seja, o cinemascope] ampliam muito o impacto das cenas de exterior e adquirem tamanha importância na narrativa, que quase se sobrepujam à trama propriamente dita”. De facto, uma certa rigidez no desenrolar da acção vem lembrar-nos que a verdadeira vedeta de **Garden of Evil**, o que está no centro do filme, não é a trama, nem são os personagens, nem os atores. É o formato do écran largo, é o cinemascope.

António Rodrigues